

Irã ameaça novo ataque

GUERRA NO ORIENTE MÉDIO

Irã acena com resposta à retaliação de Israel

Depois de Israel concluir a chamada 'Operação Dias de Arrepentimento' e atacar o Irã, o Oriente Médio aguarda, com suspense, uma possível contra-ofensiva. A mídia saudita informou que os caças israelenses bombardearam uma usina iraquiana de combustível sólido crucial para as indústrias de mísseis balísticos em Kheibar e em Qasem. O ataque destruiu por completo a instalação, deixou profunzo de US\$ 40 milhões e interrompeu a produção pelos próximos dois anos. Um balanço do Exército iraniano indica que quatro militares foram mortos na retaliação iraniana, a qual teria danificado 'sistemas de radar'.

Fontes israelenses também relataram que também foram atingidas quatro baterias de defesa antiaérea S-300, estratégicas para proteger instalações nucleares e de energia. Outro alvo foi uma fábrica de drones. Em nota, o Ministério das Relações Exteriores do Irã declarou que o regime teocrático islâmico 'se considera no direito e na obrigação de se defender', ao denunciar uma 'clara violação do direito internacional'. 'A República Islâmica do Irã enfatiza o uso de todas as capacidades materiais e espirituais da nação iraniana para defender sua própria segurança e seus interesses vitais, bem como cumprir com seus deveres em relação à paz e à segurança regionais', acrescentou a chancelaria. A



Moradores caminham por rua da capital Teerã depois de uma madrugada de bombardeios israelenses

Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) confirmou que os bombardeios israelenses contra alvos militares 'não alcançaram' as instalações nucleares iraquianas. 'Apelo à prudência e à moderação em relação às ações que possam colocar em perigo a segurança dos materiais nucleares e de outros materiais radioativos', declarou o diretor-geral da agência, Rafael Grossi.

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, afirmou esperar que este seja 'o fim' em uma alusão a uma possível resposta iraniana. Por sua vez, o gêmeo do primeiro-ministro de Israel,

Benjamin Netanyahu, descartou que a ofensiva tenha sofrido qualquer influência dos EUA.

Morador da região leste de Teerã, o cineasta Hesam Eslami, 46 anos, despertou às 4h de ontem (22h de sexta-feira em Brasília) com o som do sistema de defesa antiaéreo iraniano. 'Não ouvi explosões, que foram percebidas mais no oeste da capital. Mas, permaneci acordado por uma hora e procurei ler as notícias, em sites iraquianos e na BBC. As 5h,

o Exército israelense comunicou que o ataque tinha sido concluído e, então, voltei para a cama', relatou ao Correio. Pela manhã,

Eslami se despertou com vários memes e piadas sobre a retaliação iraniana nas redes sociais. 'A cidade estava completamente normal. Buzquet meu filho no jardim de infância e percebi que muitos pais tinham preferido deixar suas crianças em casa. Os jornais iraquianos enaltecem o poder do sistema de defesa antiaéreo.'

Neutralização

Especialista em Oriente Médio pela Universidade de Harvard, o cientista político Majid Rafizadeh explicou ao Correio que a retaliação iraniana restrita a



Hesam Eslami, cineasta, morador de Teerã: 'Escutei as rajadas da defesa antiaérea'

'Esse perigo se deve, em grande parte, às profundas rivalidades existentes entre as potências regionais e às alianças estratégicas que estão em jogo. O apoio militar ao Hezbollah e a milícias na Síria posiciona o Irã contra Israel e seus aliados ocidentais, especialmente os Estados Unidos', avaliou. O professor de Harvard acrescentou que qualquer escalada de um dos lados pode desencadear um conflito mais amplo e atrair atores regionais, como a Arábia Saudita e países do Golfo Pérsico, que se opõem às ambições regionais de Teerã. 'Dada a complexa rede de alianças e inimizades, um conflito local poderá rapidamente evoluir para um confronto muito maior, com repercussões humanitárias e geopolíticas devastadoras', advertiu.

Gunther Rudzitz, professor de relações internacionais da ISPM, crê que a resposta de Israel possa inviabilizar uma justificativa maior do Irã para uma retaliação ao ataque da madrugada de ontem. 'Isso se deve não apenas por pressão dos EUA, mas muito mais da China. Com uma economia ruim para os padrões chineses, em nada interessaria a Pequim ter uma escalada dos preços do petróleo. Por isso, não deve haver uma escalada da guerra regional', disse à reportagem. Ele não descartou uma ação bélica iraniana de menor proporção, talvez mais focada em interesses israelenses no Oriente Médio. (RC)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Mundo Pagina: 9